



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes do embarque para Brasília

Macapá - AP, 12 de fevereiro de 2008

Presidente: O encontro com o presidente Sarkozy foi, eu diria, um encontro que eu posso considerar histórico, pelas possibilidades futuras que nós temos de tornar essa parceria estratégica entre Brasil e França uma parceria que possa gerar benefícios e frutos para o povo brasileiro e para o povo francês.

A vontade do presidente Sarkozy, a compreensão da importância do Brasil, a compreensão do papel que o Brasil pode ajudar a compor no mundo (inaudível), no mundo comercial, no mundo político, é extremamente importante para nós. Nós, agora, temos que tornar realidade as nossas intenções, com a participação dos ministros da França e dos ministros brasileiros – o nosso Ministro das Relações Exteriores, o nosso Ministro da Defesa, a nossa Ministra do Meio Ambiente, o nosso Ministro dos Transportes, o nosso Ministro da Indústria e Comércio, de Ciência e Tecnologia – para que a gente possa, junto como os ministros deles, preparar todo um pacote de propostas propositivas, para que Sarkozy e eu assinemos isso na sua visita como presidente da União Européia ao Brasil, em dezembro deste ano.

Eu estou convencido de que nós encontramos um caminho. Nós temos interesse, a França tem interesse, e quando dois países importantes como França e Brasil têm interesse, as coisas podem acontecer com mais facilidade. Uma coisa que me impressionou bem é que, normalmente, quando nós fazemos acordos internacionais, entre a gente fazer o acordo e ele ser concretizado leva um bocado de tempo. Às vezes, a tramitação desses processos na máquina interna de cada país demora. A ponte foi um exemplo disso. A ponte, eu ouço falar dela há mais de 10 anos, houve encontros e mais encontros. Talvez o dinheiro que se gastou de passagem, viajando para a



França e da França para o Brasil, de reunião de técnicos franceses com técnicos brasileiros, de advogados brasileiros com advogados franceses, talvez o dinheiro que nós gastamos desse para fazer a ponte.

O que eu gostei do Sarkozy é que ele disse que quer começar a ponte este ano, porque ele acha inadmissível a França ter vontade de fazer uma ponte e ela demorar oito anos. Como nós também temos interesse e o estado do Amapá precisa dessa ponte para a contribuição do desenvolvimento do Amapá, é extremamente importante.

Ao mesmo tempo, a idéia de criação de uma universidade binacional, para discutir a questão da biodiversidade. É uma coisa extremamente importante, os nossos ministros da Educação e da Ciência e Tecnologia, junto com os ministros franceses, vão ter que se debruçar em cima dessa idéia para ver se a gente consegue também assinar um acordo envolvendo todos os países que compõem a Amazônia. Todos os países da América do Sul que compõem a Amazônia participarem de um projeto para que a gente possa, não apenas concretizar a nossa proposta de desenvolvimento sustentável da Amazônia, mas para que a gente possa estudar mais a fundo, com interesses nacionais, mas também com interesses da humanidade, a rica biodiversidade da Amazônia. Eu acho que é um desafio que está colocado para nós, certamente os cientistas franceses e os cientistas brasileiros irão discutir muito isso. Eu, pelo menos, acho que os nossos ministros da Educação e da Ciência e Tecnologia devem abrir um debate nas universidades brasileiras, com os cientistas brasileiros, para ver se a gente pode concretizar definitivamente esse projeto, que eu acho que será um bem extraordinário para a Amazônia. Se todos os países que compõem a Amazônia tiverem interesse, nós poderemos dar um salto de qualidade, num estudo mais aprofundado, na questão da Amazônia.

Jornalista: Presidente, falando um pouquinho de política interna, o senhor não



teme que essa CPI dos Cartões impeça a votação de projetos prioritários como a reforma tributária?

Presidente: Eu não temo. Primeiro, a questão dos cartões. Eu diria para você que o cartão é a forma mais séria e mais transparente de cuidar dos gastos públicos, não tem outra mais séria. O que nós precisamos é, a partir das deficiências, fazer as correções necessárias e continuar colocando na internet, para que a sociedade brasileira tenha as informações, até porque eu acho que todo mundo tem que mostrar, concretamente, aquilo que é gasto todo santo dia. E não pode atrapalhar, porque a reforma tributária é uma necessidade brasileira.

Eu tenho dito aos líderes, tenho dito aos empresários, tenho dito aos governadores e aos prefeitos que, desde que eu me conheço por gente, as pessoas falam da necessidade de fazermos uma reforma tributária. E toda vez que a gente manda um projeto para a Câmara – vocês estão lembrados que nós mandamos um projeto em abril de 2003 – ele não acontece porque um ou outro tem divergência. O que eu quero é que fique explícito quem quer e quem não quer a política tributária. E que o Congresso Nacional, que também quer, pelo menos por parte da maioria, se disponha a fazer um esforço imenso em não permitir que nada atrapalhe a nossa política tributária, da mesma forma que aprovar as coisas que estão no Congresso, que são de interesse nacional. Eu não acredito, uma CPI não vai atrapalhar nada, a CPI vai estudar, vai investigar, vai apresentar o resultado e o Brasil precisa continuar. Eu estou convencido de que nada, absolutamente nada, a não ser a força de Deus, pode impedir que o Brasil conquiste o espaço que está reservado ao Brasil no mundo contemporâneo.

Quando eu vejo o crescimento da indústria, quando eu vejo o crescimento do PIB, quando eu vejo o crescimento da indústria automobilística, quando eu vejo o crescimento e as possibilidades da agricultura brasileira,



quando eu vejo o crescimento do crédito, quando eu vejo o crescimento das exportações brasileiras, quando eu vejo a crise americana ainda não ter chegado ao Brasil, porque em outros tempos ela já teria quebrado o Brasil, eu falo: meu Deus do céu, se Deus está conosco, quem está contra nós? Quem pode querer que o Brasil não dê certo?

Eu acho que vocês têm acompanhado a imprensa internacional, vocês devem ter lido os mais diferentes artigos escritos sobre a economia brasileira, sobre as políticas sociais do Brasil. Então, o que nós precisamos é apenas ter cuidado com duas coisas: primeiro, você tem um segmento da oposição brasileira que historicamente... – não é o PSDB, não é o PFL, quando era o PT, quando eram outros partidos de oposição – tem uma parte da oposição que fica sempre torcendo para as coisas não darem certo, porque se derem errado eles acham que vão ganhar no processo eleitoral. Depois que você chega à Presidência como eu cheguei, você aprende o seguinte: todos nós, independentemente de sermos oposição ou não, temos que torcer para que este País dê certo, porque se ele der certo vai ganhar a situação, vai ganhar a oposição mas, sobretudo, vai ganhar o povo brasileiro.

Jornalista: Presidente, alguns ministros do senhor defenderam que os gastos não estejam no Portal da Transparência. O senhor está dizendo aqui que o senhor defende que esses gastos...

Presidente: Para mim só tem um gasto que não deve ser explicitado e detalhado, que é o gasto com segurança. Segurança é uma coisa muito delicada. Uma boa segurança, os adversários não sabem que ela existe e como ele existe. Na hora em que eles souberem, deixa de ser segurança. Nós vimos agora o que aconteceu no Timor-Leste. Um pouco de cuidado não permitiria que um presidente fosse atingido fazendo ginástica, de manhã. Então, quando se trata de segurança, eu acho que é segredo de Estado e



ninguém precisa saber. Você não pode dizer onde é a casa dos seguranças do Presidente da República, você não pode dizer onde ele vai alugar um carro, porque se você disser fica muito fácil, quem quiser fazer uma desgraça faz a desgraça por antecipação.

Eu me lembro de uma discussão que fiz quando eu propus à Caixa Econômica Federal que fizesse um programa habitacional para a polícia brasileira e para as Forças Armadas brasileiras. A primeira surpresa que eu tive foi a seguinte: os policiais não queriam que tivesse um conjunto habitacional único da polícia, porque eles seriam presas fáceis para os bandidos, que iam saber onde eles moravam. Então, quando se trata de segurança é uma questão de Estado, e aí tem que ser efetivamente sigiloso.

Jornalista: Agora, Presidente, qual a parte dos gastos, por exemplo, que podem ser publicados (inaudível)

Presidente: Os meus gastos?

Jornalista: Os gastos da Presidência da República, os cartões corporativos...

Presidente: Na minha opinião, o que não for tratado como de segurança pessoal do Presidente e da família do Presidente... De vez em quando as pessoas cometem um equívoco, porque a Presidência gasta isso ou gasta aquilo. Não é a Presidência que gasta. Quando eu sair daqui, a Presidência continua. A Presidência é uma instituição que as pessoas precisam aprender a respeitá-la e não banalizá-la. A Presidência é importante com o presidente Lula ou sem o presidente Lula. Qualquer um que passou por lá ou qualquer um que venha a passar tem que ter na instituição Presidência da República toda a segurança possível e necessária.

(\$31EGJLP)